

**SUCESSÃO APOSTÓLICA, REFUTAÇÃO HERESIOLÓGICA E
MARTÍRIO NO *CONTRA AS HERESIAS* DE IRINEU DE LYON E *HISTÓRIA
ECLESIÁSTICA* DE EUSÉBIO DE CESARÉIA (SÉCULOS II-IV)**

**APOSTOLIC HERITAGE, HERESIOLOGICAL DISPUTE AND
MARTYDOM IN IRIANEUS OF LYON'S *AGAINST THE HERESIES* AND
EUSEBIUS OF CESAREE'S ECCLESIASTICAL HISTORY (2nd – 4th
CENTURIES)**

Lays Silva Stanziani¹

RESUMO: O presente artigo analisa a obra *Contra as Heresias*, escrita por Irineu, bispo de Lyon, em cerca de 177. Apresentaremos os meios utilizados por Irineu para refutar o gnosticismo, tanto quanto a retomada do tratado por Eusébio de Cesaréia em sua *História Eclesiástica*, escrita entre 290-324 d.C. Defenderemos que, nesta obra, o bispo de Cesaréia utilizou argumentos de Irineu de Lyon para legitimar sua visão de uma história eclesiástica, principalmente no que concerne à questão do martírio e ao combate à heresia.

Palavras-chave: Irineu de Lyon, Eusébio de Cesaréia, Mártires.

ABSTRACT: The present article aims to analyse the book *Against the Heresies*, written by Irenaeus, bishop of Lyon, in 177. We intend to demonstrate the methods used by Irenaeus in order to refute the Gnosticism, as the use of it in the *Ecclesiastic History*, written by Eusebius of Caesarea, between 290-324 AD. We aim to defend that, in this book, the bishop of Caesarea used arguments of Irenaeus to legitimate his view on an ecclesiastic history, especially when it comes to martyrdom and fight against heresies.

Keywords: Irenaeus of Lyon, Eusebius of Caesarea, Martyrs.

Introdução

Tomando como base estudos recentes dedicados à obra de Irineu, bispo de Lyon no final do século II d.C, sabemos que o bispo desempenhou um importante papel em sua comunidade. Sua obra foi amplamente comentada e recorrente em estudos que abordam a origem dos preceitos religiosos da Igreja cristã do Ocidente, chegando a ser vista

¹ Bacharel em História pela UNIFESP e pesquisadora do LEME-Núcleo UNIFESP. Contato: lays.stanziani@gmail.com. Parte dos resultados apresentados neste artigo foram obtidos em Iniciação Científica que contou com apoio do CNPq e defendidos em forma de Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação da Profa. Dra. Rossana Alves Baptista Pinheiro, em 2014.

como obra principal em alguns trabalhos². Pouco sabemos sobre a vida de Irineu, para além do fato de ter sido bispo de Lyon a partir de 177 ou 178 d.C, após o martírio do bispo dessa comunidade, Fotino³. Pela aproximação que declarou ter com Policarpo de Esmirna, provavelmente nasceu ou viveu algum período na região de Esmirna, situada na Ásia Menor. Contudo, sabemos um pouco mais sobre seus trabalhos, como a obra *Contra as Heresias*, que será analisada no presente trabalho. Também escreveu *Demonstração do Discurso Apostólico*, livro de discussão sobre as profecias de Cristo presentes no Antigo Testamento. Essas são as obras de Irineu de Lyon que temos acesso nos dias de hoje. Em sua obra *História Eclesiástica*, Eusébio de Cesaréia afirmou que Irineu de Lyon produziu diversas cartas, além de um tratado chamado *A Ogdoade*. Infelizmente, esses escritos não chegaram até nós, sendo somente citados na obra de Eusébio com um breve resumo de seu conteúdo:

Em contraposição àqueles que, em Roma, falsificavam a sã estrutura da Igreja, Irineu compôs diferentes cartas. Uma delas se intitula: A Blastos, a respeito da cisma. Outra: A Florino, sobre a monarquia, ou que Deus não é autor do mal. Este último, de fato, parecia sustentar tal doutrina, e visto que ainda se deixara arrastar pelo erro de Valentim Irineu elaborou um tratado: A Ogdoade, em que afirma ter ele pertencido a primeira sucessão dos apóstolos⁴.

Irineu possui importância na literatura por ter assumido o posto de bispo de Lyon após um martírio ocorrer na região, episódio conhecido por “Os mártires de Lyon”. Como afirmou Paul Parvis⁵, um conjunto de cartas relatou os martírios sofridos na região da Gália em 177 e a morte do bispo da comunidade de Lyon, Fotino. Encontra-se também um relato desse martírio na obra de Irineu, o *Contra as Heresias*, e em *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesaréia, tendo sido mais explorado nessa obra. Finalmente, Irineu de Lyon, ficou conhecido, principalmente, por apresentar a refutação da doutrina gnóstica, assim como por ter sido parte de uma geração que não teve contato com os apóstolos, apresentando-se como um aprendiz de quem os conheceu, dentre eles,

² EDWARDS, Mark. *Catholicity and Heresies in the Early Church*; HUNT, Emily J. *Christianity in the Second Century*. CHADWICK, Henry. *The Penguin History of the church: Volume One*.

³ Bispo martirizado com outros membros da comunidade de Lyon, e citados na obra *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesaréia.

⁴ EUSÉBIO DE CESARÉIA, *História Eclesiástica*. São Paulo: Editora Paulus. 2000. 3ª edição, 2008. V, 20.

⁵ PARVIS, Paul. *Who Was Irenaeus?* In PARVIS, Sara; FOSTER, Paul (org). *Irenaeus: Life, Scripture, Legacy*. EUA: Fortness Press, 2012.

Policarpo de Esmirna. Desse modo, Irineu utilizou-se de outros argumentos para se legitimar como bispo, tais como o uso dos quatro Evangelhos⁶, sua ligação com Policarpo de Esmirna e a tradição apostólica. A primeira parte de nosso artigo apresentará esses instrumentos utilizados por Irineu de Lyon, tomando como base a análise da obra *Contra as Heresias: denúncia e refutação da falsa gnose*⁷.

O gênero de escrita desta obra foi chamado de “tratado heresiológico”, sendo o *Contra as Heresias* considerado o precursor do gênero. Sua composição parte da refutação da doutrina gnóstica, e em seguida, apresenta uma reafirmação da doutrina defendida por Irineu de Lyon. Como sustentou Jean-Daniel Dubois⁸, a refutação de heresias feita através de um gênero literário próprio – o tratado heresiológico –, veio a se fortalecer a partir do século II. Este tipo de escrita buscava, primeiramente, seguir uma linha de raciocínio que apresentava a doutrina ou as doutrinas a serem refutadas, seguido da demonstração das razões de sua falsidade, sendo possível uma ou mais delas em um mesmo tratado⁹. A obra de Irineu de Lyon faz parte desse perfil. Assim, como afirmou Dubois, era esperado que a necessidade de combater e impedir a expansão de correntes heréticas fossem pagãs, judaicas ou dissidências de correntes cristãs, levasse ao desenvolvimento e apogeu das bases de um tratado especificamente heresiológico.

A obra de Irineu é dividida em cinco livros. No primeiro, Irineu de Lyon explicou em detalhes a doutrina chamada por ele de gnóstica. Por não termos lido os Evangelhos Gnósticos¹⁰, não entraremos no mérito de serem corretas ou não as afirmações do bispo de Lyon. Neste artigo, levamos em conta apenas os instrumentos por ele usados para refutar esta doutrina. Também analisamos como Irineu de Lyon apresentou a doutrina cristã ao leitor, tentando convencê-lo sobre a autenticidade do cristianismo¹¹. No

⁶ Lembramos que neste período ainda não existia um cânone bíblico definido.

⁷ Para esse artigo, utilizaremos a versão traduzida pela editora Paulus. IRINEU DE LYON. *Contra as Heresias: denúncia e refutação da falsa gnose*. Tradução: Lourenço Costa. São Paulo: Editora Paulus. 3ª edição, 2009.

⁸ DUBOIS, Jean-Daniel. “Polêmicas, poder e exegese: O exemplo dos gnósticos antigos no mundo grego” in ZERNER, Monique. (Org.). *Inventar a Heresia: Discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição*. São Paulo: Editora Unicamp. 2009. p. 42.

⁹ Idem. p. 43.

¹⁰ Os Evangelhos Gnósticos tratados na obra de Irineu de Lyon são as Escrituras da doutrina “gnóstica”. Esses Evangelhos foram considerados apócrifos, e temos apenas cópias deles a partir da descoberta de 52 escritos em Nag Hammadi. Dentre eles, estavam o *Evangelho da Verdade*, *Evangelho de Tomé*, entre outros escritos considerados heterodoxos. Como já afirmamos, não estudamos os evangelhos gnósticos, pois nosso foco de análise foi outro. Contudo é possível encontrar uma análise detalhada desses evangelhos na obra de PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnósticos*. Cultrix: São Paulo. 1979.

¹¹ Devemos fazer um adendo. O cristianismo aqui apresentado não é visto como a doutrina ortodoxa. O cristianismo de Irineu diz respeito ao que o bispo acreditava ser o verdadeiro. Por este motivo, estamos lidando com os preceitos de Irineu e não da Igreja como um todo. Tentaremos demonstrar como o bispo tentou afirmar seus ensinamentos como tradição e como isso é parte de sua metodologia.

segundo livro tem início a refutação do gnosticismo. Os três livros restantes, respectivamente, *Doutrina Cristã*, *Continuidade entre o Antigo e o Novo Testamento* e *Escatologia Cristã* não citaram ou refutaram os gnósticos com os dois primeiros livros, o que já demonstra suas ambições para além de tratado de refutação heresiológica. Irineu acreditava que a demonstração da verdadeira fé deveria servir como instrumento argumentativo contra os gnósticos. Seu principal trabalho é ainda estudado e criticado como fonte para os estudos da doutrina gnóstica.

Para a refutação dos gnósticos, formulou uma lista de sucessão episcopal, assim como retomou os ensinamentos de Policarpo. Ao tratarem da história da filosofia cristã, Gilson e Boehner¹² sustentaram que os escritores cristãos não tratavam seus trabalhos como originais em si mesmos, mas sempre remetiam a autores anteriores. Segundo esses autores, toda “filosofia cristã” norteia-se por uma tradição como tentativa de tornar sua doutrina real aos olhos do futuro fiel, tal parece ter sido um dos encaminhamentos de Irineu na composição de sua obra. Ademais, devemos considerar que as obras de Irineu a que temos acesso hoje apresentam duas propostas: o combate ao gnosticismo e a transmissão da verdadeira doutrina. Portanto, devemos levar em consideração que os trabalhos de Irineu se norteavam por aquilo considerado por ele verdadeiro, como podemos ver em sua obra sobre a pregação, *Demonstração de pregação apostólica*. Nela, Irineu apresentou as razões pelas quais seus ensinamentos deveriam ser levados em consideração contra as doutrinas heréticas:

Isso, meu amigo, é a pregação da verdade, que está relacionada distintivamente de nossa salvação. Este é o modo de vida que os profetas anunciaram, que Cristo confirmou que os Apóstolos transmitiram e que Igreja, no mundo inteiro, apresentou aos seus filhos¹³.

Os métodos de Irineu em *Contra as Heresias*

Para falarmos dos métodos de Irineu devemos, primeiramente, salientar alguns dados: o conceito cristão de heresia e ortodoxia não era válido para o momento de criação da obra de Irineu, pois não existiam ainda bases para sua criação. Ambos os

¹² GILSON, Étienne. PHILOTHEUS Boehner. *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

¹³ IRENEU DE LYON. *Demonstration de la prédication apostolique*. Introdução, tradução e notas por Adelin Rousseau. Paris: Les Éditions Du Cerf, 1995. 410p. 250.

conceitos coexistem e não ocorrem antes do Concílio de Calcedônia, em 451 d. C.¹⁴. Ao estudarmos o que, em termos conceituais, deveria ser considerado “ortodoxia” e “heresia”, acabamos por nos deparar com significados muito mais complexos e diferentes do que o esperado. Se levamos em consideração, por exemplo, o conceito de heresia, encontramos que ele foi cunhado a partir de um termo grego que significava “Ação de pegar” e, no sentido “metafórico, escolha, preferência, visão particular e discordante”[...].¹⁵ Acrescendo que o herético seria aquele que não só estava no erro, mas nele se obstinava. O sentido da palavra grega teria sido mantido em dois versículos de Paulo. O termo heresia era empregado inicialmente para designar adeptos de uma doutrina, corrente de pensamento, escola filosófica. Não era, portanto, necessariamente ligado ao uso religioso. Em *Tito*, no entanto, Paulo traduziu o termo correlacionado ao sentido de “erro”, estar fora do caminho, porém falamos aqui em práticas e controvérsias filosóficas, não em doutrinas definidas. Se não há um herético, não há um ortodoxo, por esse motivo:

Os conflitos do segundo século cristão não são compreendidos proveitosamente como um caso de desacordo ortodoxo-herético: eles constituem um fenômeno específico no qual uma mera possibilidade de tal desacordo, os termos nos quais o argumento possa ser conduzido, está sendo definido. O fato primitivo parece ser a existência ao redor do Mediterrâneo, e mais ao leste da Síria, de grupos manifestamente dependentes em certos respeitos sobre a tradição judaica, embora mais ou menos alienada a isso em virtude de algum tipo de compromisso ou dependência à figura de Jesus, uma dependência expressada por meio de um rito de iniciação distintivo (batismo) largamente visto como a concessão do direito a ser membro de uma nova ‘raça’.¹⁶

Levando em consideração as passagens paulinas, a partir do século II surgiu a necessidade de combater essas práticas dissidentes, pois assim os fiéis não se desviariam do que era correto. O conceito de heresia, então, passaria a andar de mãos dadas com o que conheceremos como ortodoxia. Como já explicitado, não é possível

¹⁴ WEISS, Jean-Pierre. “O método polêmico de Agostinho no *Contra Faustum*” in ZERNER, Monique (org.). *Inventar a heresia: discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição*. São Paulo Editora Unicamp. 2009. p. 15.

¹⁵ SCHMITT, Jean-Claude. “Heresia”. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Edusc: São Paulo. 2006. Primeira Edição 1999. p. 503.

¹⁶ WILLIAMS, Rowan. “Does it make sense to speak of pre-Nicene orthodoxy?” In: WILLIAMS, Rowan (org). *The Making of Orthodoxy*. Nova York, Cambridge University Press. 1989, p. 9. “The conflicts of the second Century are not usefully understood as a case of orthodox-heretical disagreements: they constitute a specific phenomenon in which the very possibility of such a disagreement, the terms in which an argument can be conducted, is being defined. The primitive fact seems to be the existence around the Mediterranean, and further east in Syria, of groups manifestly dependent in certain respects upon the Jewish tradition, yet more or less alienated from it in virtue of some sort of commitment to or dependence on the figure of Jesus, a dependence normally expressed by means of distinctive initiation rite (batism) widely seen bestowing membership of a new “race”.

falar de ortodoxia e heresia antes do Concílio de Niceia¹⁷, pois somente a partir deste Concílio teria se dado início à delimitação dos limites entre heresia e ortodoxia. Sendo assim, é possível perceber como um conceito não pode existir sem o outro, pois eles se complementam: “heresia é a pré-condição necessária para ortodoxia, embora a ortodoxia possa ser tanto uma metamorfose (ou pseudomorfose) da ideia religiosa fundamental quanto heresia”¹⁸. A ortodoxia não estava posta nesse período, pois seria necessária uma doutrina estabelecida e consolidada, e isso não era possível naquele período. Irineu de Lyon possuía um papel decisivo nesse processo, exatamente por esta ser parte deste período fundante que podemos chamar de “cristianismo primitivo”:

‘Cristianismo Primitivo’ é o campo dentro do qual conflitos sobre esses assuntos são discutidos - sua unidade é principalmente percebida em termos negativos, na sua angustiante e complexa relação ao culto, às leis e escrituras do Judaísmo, mas tem algum conteúdo positivo simplesmente nos focando naquela nova complexidade no destino das palavras e atos de Jesus¹⁹.

Ao analisarmos a obra, percebemos que Irineu demonstrou como interpretava essa tradição. No livro IV *de Contra as Heresias*, intitulado “Escatologia Cristã”, Irineu remontou a um livro considerado pelos gnósticos como verdadeiro. Para Irineu, além da própria doutrina gnóstica, o livro não poderia ser levado em consideração, pois como afirma:

No livro precedente, portanto, foi mostrado o pensamento dos apóstolos sobre estes pontos e como não somente não pensaram nada disso “os que foram, desde o início, as testemunhas oculares e ministros da palavra da verdade”²⁰, mas nos pregaram que se fugisse de tais opiniões, prevendo no Espírito que estes se seduziriam os mais simples²¹.

¹⁷ Alguns autores afirmam, inclusive, não ser possível tratar de heresia antes mesmo do Concílio de Calcedônia, em 451, conforme apontamos acima. WEISS, Jean-Pierre, op. cit, p. 15.

¹⁸ WILLIAMS, Rowan, op. cit. p 3. “Heresy is the necessary precondition for orthodoxy, yet orthodoxy may be as much a metamorphosis (or pseudomorphosis) of the foundational religious idea as heresy”.

¹⁹ Ibid, p. 9-10 “Early Christianity’ is the field within which conflicts about these matters are fought out; its unity – like that of early Buddhism – is perceptible mostly in negative terms, in its tormentingly complex relation to Jewish cult, law and scriptures, but has some positive content simply in the focusing of that new complexity upon the words and acts and fate of Jesus.”

²⁰ 2Co 11,3 *Bíblia Sagrada: versão pastoral*. Sociedade Bíblica Católica Internacional. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

²¹ IRINEU DE LYON. *Contra as heresias*: Denúncia e refutação da falsa gnose. São Paulo: Editora Paulus, 2009. p. 366.

Irineu não estava neste processo de legitimação da verdadeira doutrina de modo inocente. Em diversas passagens de *Contra as Heresias*, fosse para refutar a doutrina gnóstica ou apresentar a cristã, afirmou a necessidade de se manter as tradições vindas dos apóstolos e apresentou os motivos pelos quais considerava suas concepções religiosas corretas. Como afirmou no terceiro livro:

Portanto, a tradição dos apóstolos, que foi manifestada no mundo inteiro, pode ser descoberta em toda a Igreja por todos os que queiram ver a verdade. *Poderíamos enumerar aqui os bispos que foram estabelecidos nas Igrejas pelos apóstolos e os seus sucessores até nós, e eles não conheceram nada que se parecesse com o que essa gente vai delirando.* Ora, se os apóstolos tivessem conhecido os mistérios escondidos e os tivessem ensinado exclusiva e secretamente aos perfeitos, sem dúvida os teriam confiado antes de mais ninguém àqueles que confiavam as próprias Igrejas. Com efeito, deve necessariamente estar de acordo com ela, por causa da sua origem mais excelente, toda a igreja, isto é, os fiéis de todos os lugares, porque nela sempre foi conservada, de maneira especial, a tradição que deriva dos apóstolos²².

Quando Irineu adentrou à doutrina cristã, não analisou a doutrina gnóstica, pois pressupunha que a primeira seria verdadeira, principalmente, em razão da sucessão dos apóstolos. Para o bispo, os apóstolos não teriam ensinado a doutrina sem antes conhecerem a gnose, uma vez que ela teria sido exposta em seus ensinamentos. Valendo-se das Escrituras, afirmou ser impossível a existência dos Evangelhos gnósticos antes dos ensinamentos apostólicos, pois os apóstolos possuíam, pelo Espírito Santo, o conhecimento perfeito²³. Aos apóstolos fora dada a missão de escolher seus sucessores apropriados:

Com efeito, queriam que seus sucessores, aos quais transmitiam a missão de ensinar, fossem absolutamente perfeitos e irrepreensíveis em tudo, porque, agindo bem, seriam de grande utilidade, ao passo que se falhassem seria a maior calamidade²⁴.

Para legitimar essa sucessão, Irineu fomentou alguns pontos considerados por ele como importantes para a afirmação da veracidade de sua doutrina e, portanto, de sua filiação a uma comunidade religiosa: as verdadeiras escrituras; os testemunhos dos apóstolos e os ensinamentos de seus sucessores. Remeteu-se à Igreja de Roma como a ligação entre a sucessão apostólica e os bispos de sua comunidade, pois Roma

²² IRINEU DE LYON, op cit, III, 1 grifo nosso

²³ Ibid, III, 2,1

²⁴ Ibid, III, 2,1

legitimava a igreja de Lyon, por sua aproximação com os ensinamentos e com os sábios da Igreja. Como ele mesmo afirmou:

À Igreja fundada e constituída em Roma, pelos dois gloriosíssimos apóstolos, Pedro e Paulo, e, indicando a sua tradição recebida pelos apóstolos e a fé anunciada ao homem, que chegou até nós pela sucessão dos bispos²⁵.

Cronologicamente, Irineu nomeou Lino, da carta de Paulo a Timóteo, como primeiro bispo de Roma, sucedido por Clemente, bispo designado pelos próprios apóstolos. Em seguida, Irineu tentou persuadir o leitor de que esta lista de bispos seria uma das maneiras de legitimação da sucessão episcopal, de que os bispos cristãos seriam, na verdade, parte da verdadeira descendência a perpetuar a palavra de Deus. O que legitimava quem deveria ou não fazer parte dos irmãos da Igreja, mesmo sendo iletrados, seria sua fé.²⁶

Até o segundo século, a maioria dos escritores da Igreja utilizava-se do Antigo Testamento como forma de argumentação da doutrina cristã, mas estamos tratando de uma época em que os cristãos ainda eram judeus²⁷. Essa preocupação já não cabia a Irineu, que passou a comentar os quatro Evangelhos e os legitimou²⁸. A presença dessas Escrituras em sua obra possuía profundas relações com os próprios gnósticos, visto que estes as relativizavam e não aceitavam algumas passagens e Evangelhos.

Em outras passagens, o bispo ainda relatou a relação entre Policarpo e a Igreja de Lyon. Mesmo em sua velhice, Policarpo esteve em presença de bispos e passou ensinamentos que dizia ter recebido diretamente dos apóstolos. Essa insistência na sucessão episcopal apostólica devia-se principalmente ao combate a supostas heresias, principalmente ao gnosticismo, como afirmou Robert B. Eno: “É claro que no século II, o episcopado monárquico, unido com a reivindicação à fundação apostólica por determinadas sés, tornou-se um elemento chave em elaborar uma defesa contra o Gnosticismo.”²⁹. Sendo assim, é possível aferir que tais ensinamentos eram provas tanto da veracidade da fé professada por Irineu e pela Igreja de Lyon quanto de que a doutrina gnóstica era incorreta:

Ora, ele [Policarpo] sempre ensinou o que tinha apreendido dos apóstolos, que também a Igreja transmite e que é a única verdade. E é disso que dão testemunhos todas as Igrejas da Ásia e os que até hoje sucederam a Policarpo, que foi testemunha da verdade bem mais segura e digna de confiança

²⁵ Ibid, III, 3,1

²⁶ IRINEU DE LYON, op cit, III, 4,2.

²⁷ EDWARDS, Mark. *Catholicity and Heresies in the Early Church*; HUNT, Emily J. *Christianity in the Second Century*. In: CHADWICK, Henry (org). *The Penguin History of the church: Volume One*, 2009, p. 26-28.

²⁸ Ibid.

²⁹ ENO, Robert B. *The Significance of the list of Roman Bishops in the Anti-Donatist polemic*. *Vigillae Christianae*, v 47. 1993, Londres. p 158 “Tis clear that in the Second century, the monarchical episcopate, joined with the claim to apostolic foundation for certain sees, became a key element in elaborating of a defense against Gnosticism”.

do que Valentim e Marcião e os outros perversos doutores³⁰.

Portanto, ele não somente queria transmitir conhecimento da doutrina cristã, mas também, queria que ela fosse incorporada à tradição da Igreja e considerada a mais correta. Para isso, o autor utilizou-se das Escrituras, desqualificando os Evangelhos gnósticos e demonstrando quais eram os verdadeiros livros canônicos. Para Irineu, os corretos seriam os que atestavam seus preceitos religiosos presentes no Símbolo de Fé.

Apreciação da obra e seu uso por Eusébio de Cesaréia: o papel dos mártires

A importância do trabalho realizado por Irineu de Lyon pode ser constatada em sua aparição em outra obra fundante da história da doutrina cristã, *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesaréia. *História Eclesiástica* possui datação controversa. Timothy Barnes afirmou que a obra foi escrita entre 290 e 315. Em 295, Eusébio teria escrito os livros de I a VII; em 313/4, acrescentou o livro VIII; e em 315 finalizou os X livros, com uma revisão dos últimos três livros em 324³¹. Já para Candida Moss, os primeiros livros foram escritos durante o governo de Diocleciano, sendo esse um período de paz³². Embora Eusébio tenha escrito outras obras, esta se tornou seu escrito mais famoso, por ser considerado o primeiro livro datado que contempla a escrita da história da Igreja cristã. O próprio Eusébio de Cesaréia afirmou ser o inaugurador desse gênero: “Acredito que é de toda forma necessário que me ponha a trabalhar este tema, pois não sei de nenhum escritor eclesiástico até hoje que se tenha preocupado com este gênero literário”.³³ Nesta obra extensa, pois abarcou do começo do cristianismo até o reinado de Constantino, Eusébio atribuiu um importante papel ao mártir no crescimento das comunidades cristãs.

Ademais, nesta obra, é possível perceber como o autor conferiu autoridade a Irineu e legitimou sua posição como bispo de Lyon, a fim de dar respaldo às análises presentes em *Contra as Heresias*. A igreja de Lyon, diferente das citadas por Eusébio até o capítulo IV, não fora fundada por um apóstolo. Sendo assim, Eusébio tentou integrá-la ao corpo das comunidades do período através da presença de mártires. Conforme demonstramos, Irineu conferiu autoridade a suas análises, fundamentando-se na tradição apostólica e em sua ligação com Policarpo de Esmirna, para em seguida legitimar seu lugar como bispo de Lyon. No caso de Eusébio, ele se utilizou da autoridade conferida a Irineu como bispo de Lyon por Fotino, um dos personagens martirizados em Lyon e bispo de Lyon, antecessor de Irineu. Atestando a autoridade de Irineu dada pelos mártires, Eusébio pôde se utilizar dos argumentos presentes em *Contra as heresias*, entre os quais, os argumentos de Irineu para legitimar os Quatro Evangelhos como as verdadeiras Escrituras. Irineu de Lyon foi ainda retomado por Eusébio por seu trabalho de refutação contra a doutrina gnóstica, uma das primeiras

³⁰ IRINEU DE LYON, op cit, III, 3,4.

³¹ BARNES, Timothy. “The Editions of Eusebius' Ecclesiastical History”. In: *Greek, Roman, and Byzantine Studies*. v. 21, 1980. p. 201.

³² MOSS, Candida. *The Mith of Persecution: how early Christians invented a story of martyrdom*. Cidade: Harper One: 2014, p. 222.

³³ EUSÉBIO DE CESARÉIA, op cit. I.5

práticas consideradas incorretas dentro das comunidades cristãs. Além disso, conforme apresentamos, Irineu usou em boa parte de sua obra argumentos a favor da tradição apostólica e analisou os Quatro Evangelhos em um período em que ainda não existia um cânon bíblico, sendo Irineu considerado o primeiro a se utilizar dos Quatro Evangelhos como aporte argumentativo em sua obra.

Além de Irineu, Eusébio também lançou mão do episódio dos “Mártires de Lyon”³⁴, fazendo uso de cartas que descreviam e divulgavam o martírio, dando destaque às figuras do bispo Fotino e Blandina, escrava cristã. O martírio já era um tema presente no cenário cristão desde o século I, mas são considerados apenas seis martírios nos primeiros 250 anos do cristianismo: o do bispo Policarpo, o martírio das jovens mães Perpetua e Felícia; o do filósofo Justino; o do professor Ptolomeu; e os mártires de Lyon e Vienne, na região da Gália³⁵. Neste artigo, trataremos apenas dos martírios de Policarpo e dos mártires de Lyon, já que ambos são citados na obra de Eusébio e possuem relação direta com Irineu de Lyon. Como afirmou Candida Moss:

A lista de seleção de Eusébio sobre a perseguição como uma das correntes duradouras na história do Cristianismo afetou profundamente não só a nossa visão sobre martírio, mas também até qual extensão o vemos como parte central da história cristã e sua identidade³⁶.

Primeiramente, Eusébio utilizou da mesma tática de Irineu ao elaborar sua tese. Para incluir o bispo de Lyon na história eclesiástica por ele elaborada, afirmou que Irineu de Lyon era digno de citação por ter sido recomendado por mártires ao bispo de Roma:

Os mesmos mártires recomendaram também Irineu, então sacerdote da comunidade de Lyon, ao bispo de Roma, que acabamos de mencionar [Eleutério], dando a respeito dele muitos testemunhos, conforme demonstram suas próprias palavras: suplicamos a Deus agora e sempre nele te regozijes, Pai Eleutério (cf. Ap 1,9). Encarregamos de entregar-te essas cartas nosso irmão o companheiro, Irineu, pedindo que o estimes como zelador do testamento de Cristo. Se soubéssemos que a posição social traz justiça para alguém, nós o apresentaríamos primeiro enquanto sacerdote da Igreja, o que de fato ele é³⁷.

Legitimando o papel de Irineu através das recomendações dos mártires, Eusébio demonstrou duas proposições: por considerar os mártires autoridades, afirmou que,

³⁴ Martírio de membros da comunidade de Lyon em 177 d.C, que levou a morte do bispo Fotino.

³⁵ MOSS, Candida, op. cit. p. 16.

³⁶ Ibid. p. 290.

³⁷ EUSÉBIO DE CESAREIA, op cit, V, 1.

mesmo que Irineu de Lyon não fosse um apóstolo, a recomendação dos mártires seria suficiente para que o próprio bispo fosse levado em consideração. Sendo assim, ao garantir a autoridade da pessoa de Irineu, Eusébio garantiria também autoridade aos seus escritos. A legitimação de Irineu era necessária para Eusébio, pois assim ele poderia atestar suas análises sobre o Novo Testamento como Escrituras Sagradas, assim como seu relato do martírio de Policarpo de Esmirna e seu posicionamento contra os gnósticos. Sendo Policarpo o primeiro bispo a ter sofrido um martírio e possuir um relato escrito do ocorrido, Irineu ocupou um local de destaque por sua aproximação com o bispo de Esmirna, já que fora seu aprendiz. Portanto, era necessário que fosse considerado um bispo de importância, pois assim suas palavras também o seriam. Vale ainda ressaltar que, entre as primeiras heresias mencionadas na obra de Eusébio, estava o gnosticismo propagado por Simão, o Mago, o mesmo gnosticismo refutado na obra de Irineu de Lyon. Irineu de Lyon também citou Simão, o Mago, em sua obra. Afirmou que ele originou todas as heresias, e que sentia inveja dos apóstolos por almejar ser tão famoso quanto eles³⁸. Nas palavras de Irineu:

Simão, samaritano, é o mago de quem Lucas, discípulo e seguidor dos apóstolos, diz “Havia, há tempo, na cidade, um homem chamado Simão que praticava a magia e excitava os habitantes da Samaria dizendo ser grande personagem e todos, do maior ao menor, o escutavam e diziam: este é a Potência de Deus, chamada grande. Apegavam-se a ele porque por muito tempo os fascinava com suas mágicas”. Este Simão fingiu abraçar a fé, pensando que também os apóstolos realizassem curas por meio da magia e não pelo poder de Deus³⁹.

Desse modo, enquanto Irineu de Lyon validava seu trabalho através da tradição e da sucessão apostólica, Eusébio daria um local de destaque aos mártires durante e após a era apostólica, pois seriam eles os responsáveis por atestarem a veracidade da doutrina cristã e, por consequência, dos relatos do bispo de Lyon. Assim como Irineu, Eusébio enfatizou os apóstolos como fundamento de toda a ortodoxia, mas com o fim da era apostólica, os mártires teriam ocupado o lugar dos apóstolos na propagação da fé. Os mártires deveriam ser considerados exemplos, pois imitavam a Cristo em sua Paixão, e aquele que sofresse o martírio seria um privilegiado. Ao considerar um modelo a ser seguido, tornava-se evidente o motivo do autor associar os mártires a Irineu, pois se esses eram dignos de admiração, ele também o seria:

Com efeito, nós o adoramos, por ser Filho de Deus. Quanto aos mártires, nós os amamos com razão enquanto discípulos e imitadores do Senhor, por causa de seu invencível amor ao rei e mestre. Possamos também nós obter o privilégio de nos tornarmos seus companheiros e condiscípulos⁴⁰.

³⁸ Ibid, I, 23, 1.

³⁹ IRINEU DE LYON, op cit, I, 23, 1

⁴⁰ EUSÉBIO DE CESAREIA, op cit, IV, 16, 42

Os gnósticos refutavam o martírio, pois afirmavam ser um “sacrifício”. Os gnósticos também não acreditavam na identidade corpórea de Cristo, portanto não fazia sentido a eles o martírio, já que era realizado como uma encenação do sofrimento de Cristo. Se Cristo não possuía um corpo físico, o martírio não seria necessário. Elaine Pagels afirmou que os gnósticos interpretavam a questão do martírio de outro ponto de vista. Ao analisar o *Evangelho da Verdade*, um dos evangelhos gnósticos, o autor do excerto teria chamado os cristãos de “néscios”, pois para eles, não bastava o martírio para a salvação, e ele em si mesmo não apagaria os pecados. Além disso, o autor do *Evangelho da Verdade* ridicularizaria Inácio e Tertuliano, pois afirmava que esses autores tratavam o martírio como uma oferenda, até mesmo um “sacrifício humano”⁴¹. Portanto, refutar o gnosticismo não somente negava essa doutrina sobre o martírio, como exaltava a posicionamento de Irineu e Eusébio.

As motivações de Eusébio para citar Irineu como um bispo proeminente foram incentivadas pelas citações do bispo de Lyon sobre o martírio de Policarpo de Esmirna, além de sua aproximação com o mártir. Policarpo fora martirizado na região de Esmirna no ano de 155 d.C., e nas palavras de Eusébio “Irineu também conheceu o martírio dele e o menciona em suas cartas, nesses termos ‘Conforme disse um dos nossos, condenamos às feras pelo testemunho prestado a Deus: *Eu sou o trigo de Deus e sou moído pelos dentes das feras, para me tornar um pão puro*”⁴². No Quarto livro da *História Eclesiástica*, os capítulos 14 e 15 são dedicados ao tema do martírio de Policarpo de Esmirna. Neles, o autor relatou os testemunhos dados sobre o martírio sofrido pelo bispo de Esmirna. Policarpo foi condenado a ser queimado vivo após negar-se a jurar lealdade a César e amaldiçoar a Cristo, como foi relatado na carta mencionada por Eusébio na íntegra: “Insistiu o procônsul, dizendo: ‘Jura e eu te liberto. Amaldiçoa a Cristo’. Policarpo disse: “Há oitenta e seis anos que o sirvo e ele jamais me fez mal. Como posso blasfemar a meu rei, meu salvador?”⁴³. Após se declarar cristão três vezes, foi condenado. Outras pessoas também foram martirizadas na mesma época de Policarpo, tais como Metrodoro⁴⁴.

Ao nos voltarmos para os relatos de martírios, percebemos que sua criação tinha um propósito claro. O papel do mártir no desenvolvimento do cristianismo era o de legitimar a doutrina cristã, pois eles tinham relação com a figura de Jesus Cristo. Ao analisar relatos de martírios, Candida Moss encontrou certas incongruências, fossem em relação ao período do relato ou aos fatos narrados. Contudo, as modificações demonstrariam o discurso do próprio período em que fora concebido: o de que os mártires eram parte integrante do movimento cristão, e aqueles que eram martirizados deveriam ser levados em conta como figuras solenes entre as comunidades cristãs, pois eram imitadores de Cristo. O martírio tem seu sentido exatamente por esses indivíduos aceitarem de bom grado a morte por Cristo, e isso legitimava a perseguição que os cristãos sofriam por exercerem sua fé e acreditarem em Cristo. Demonstrar essas incongruências é evidenciar um discurso que se adequasse às necessidades dos cristãos naquele período, que era elevar o papel do mártir dentro da comunidade cristã. Esse movimento teria surgido desde os apóstolos Pedro e Paulo até os martírios de Lyon e de

⁴¹ PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnósticos*. Cultrix: São Paulo. 1979. p.116.

⁴² EUSÉBIO DE CESAREIA op cit, III, 36, 12. grifo nosso.

⁴³ EUSEBIO DE CESAREIA, op cit, IV, 20.

⁴⁴ Cabe salientar que esse mártir aparentemente caiu no erro de Marcião, a doutrina gnóstica, mas ainda assim foi considerado um mártir. Ibid. IV, 46.

Policarpo de Esmirna, ambos presentes nas obras de Irineu de Lyon e de Eusébio de Cesaréia, conforme mencionamos.

Os relatos conhecidos como “O martírio de Policarpo”, “Mártires da Palestina” e “Mártires de Lyon”, também teriam incongruências. Esses martírios imitavam aqueles de Pedro e Paulo, que se constituíram como exemplos de grandes mártires, os quais deveriam ser seguidos. Afinal, os apóstolos eram a base para o exercício correto da fé cristã⁴⁵. Por isso, Eusébio citou ambos em sua obra, afirmando terem sido martirizados juntos na época do governo de Nero⁴⁶:

Dionísio, bispo de Corinto, declara aos romanos que ambos simultaneamente sofreram o martírio, escrevendo: “numa só memória, unistes o que plantaram Pedro e Paulo em Roma e em Corinto. Efetivamente, ambos plantaram em nossa cidade de Corinto e de modo semelhante nos instruíram; e também após terem juntos ensinado na Itália, sofreram o martírio na mesma ocasião⁴⁷.”

Contudo, não há evidências de que Paulo ou Pedro foram mortos como mártires juntos. Os *Atos dos Apóstolos*, que indicam seus últimos momentos, não respondem a essa questão. *João 21,18* indica que Pedro foi pendurado de cabeça para baixo pelo imperador Nero, e em *Atos dos Apóstolos* não há menção de sua execução em Roma, já que os escritos terminam antes de sua execução, fato inclusive narrado por Eusébio:

Paulo declara que, ao escrever a segunda carta a Timotéo, somente Lucas estava com ele (*2TM, 4,11. 16*), ao passo que na primeira defesa até ele se ausentara. Por conseguinte, é provável que Lucas tenha terminado os *Atos dos Apóstolos* nesta ocasião, abrangendo sua narrativa apenas o tempo em que convivera com Paulo⁴⁸.

Sendo assim, não há indícios bíblicos de que ambos foram martirizados juntos, como mesmo afirmou Eusébio. As Escrituras também não atestam que Paulo tenha sido martirizado em Roma. Sua última aparição no *Ato dos Apóstolos* diz respeito à sua ida em direção à Espanha, afastando-o completamente da região romana. Uma das possíveis hipóteses para a afirmação dos martírios conjuntos em Roma seria a necessidade de a comunidade em Roma atestar a sucessão apostólica⁴⁹. Além disso, segundo Moss, antes

⁴⁵ MOSS, Candida, op. cit, p. 55.

⁴⁶ BARNES, Timothy. *Early Christian Hagiograph and Roman History*. Mohr Siebeck 2010. p. 26. (Primeira edição: 1984).

⁴⁷ EUSÉBIO DE CESAREIA, op cit, II, 8.

⁴⁸ EUSÉBIO DE CESAREIA, op cit, II, 22,6.

⁴⁹ BARNES, Timothy, op cit, (1984), p. 35.

dos mártires cristãos, já existia na literatura um ideal de martírio realizado por não-cristãos, fossem eles pagãos ou judeus. Portanto, o martírio não poderia ser considerado uma ideia totalmente cristã, mas seu significado original teria sido modificado a fim de atender as necessidades da comunidade cristã⁵⁰.

Os mártires de Lyon são citados na obra de Irineu, mas aparecem em maior destaque na obra de Eusébio, que insere alguns trechos do relato em sua obra. O bispo de Cesaréia escreveu que as igrejas de Lyon e Vienne fizeram um relatório dos acontecimentos. Após serem proibidos de transitarem pela cidade, os mártires teriam sido presos e açoitados por sua religião. Entre os mártires, estariam o bispo Fotino e Blandina. Eusébio descreve Fotino como:

O bem-aventurado Fotino, a quem foram confiados o múnus episcopal em Lyon, tendo mais de noventa anos, corporalmente muito enfraquecido, mal podia respirar devido à aludida fraqueza física, mas sentia-se fortificado pelo impulso do Espírito e pelo grande desejo do martírio. Também ele foi arrastado ao tribunal. O corpo desfalecido pela velhice e a doença, mas retinha em si o espírito, a fim de que por meio dele Cristo triunfasse (2Cor 2,14)⁵¹.

No relato dos martírios de Lyon, temos elementos que afirmam que o bispo Fotino foi martirizado após se negar a rejeitar a Cristo. Contudo, o que nos causa espanto é o relato de Blandina, a escrava cristã. Ela teria sofrido diversas torturas, inclusive sendo pendurada, tal qual Pedro, de cabeça para baixo. Também não negou a Cristo e foi condecorada com o martírio. No relato, o autor afirmou que os cristãos foram acusados de canibalismo e incesto, pois foram delatados por seus escravos. Pela lei romana, o depoimento de um escravo seria levado em consideração caso fosse dado sob tortura, e o relato do martírio afirmava que as declarações foram dadas de modo legal e sem tortura⁵².

O relato do martírio de Policarpo de Esmirna é, por sua vez, o primeiro de que temos notícia. O relato tentou aproximar o bispo de Esmirna da figura de Jesus Cristo. Afinal, o martírio deveria ser como uma reinterpretação das moléstias que Ele sofrera durante sua crucificação. Ao analisar o martírio de Policarpo⁵³ citado por Eusébio em sua obra, Timothy Barnes também encontrou irregularidades em relação aos originais. Embora de datação pouco precisa, o relato do martírio de Policarpo teria sido produzido alguns anos após sua morte, que ocorreu entre os anos 155 e 156⁵⁴. A narrativa atestou que o bispo fora martirizado no “segundo dia do início do mês” e que era um dia do Sabbath. Pelas datas, teria sido martirizado em 24 de fevereiro pelo calendário Romano. Contudo, pelo calendário, Quartaus foi apontado como sendo o procônsul naquele ano, e não existiam dados para isso. Além disso, existiriam inconsistências com relação à

⁵⁰ MOSS, Candida, op. cit. p. 50.

⁵¹ EUSEBIO DE CESAREIA, op cit, VI, 29.

⁵² MOSS, Candida op. cit, pp. 99-101.

⁵³ Ibid, p. 18. “Eusebiu’s selection of persecution as one of the enduring currents in the History of Christianity has deeply affected not just our knowledge about martyrdom, but also the extent to which we see it as a central part of Christian History and identity”.

⁵⁴ BARNES, Timothy, op cit (1984), p. 368-369.

realização de um julgamento em um dia de Sabbath, principalmente por Barnes afirmar que, nessa data, era um dia de Sabbath tanto para gentios quanto para judeus⁵⁵.

Seria muito improvável que se ocorresse uma execução nessa data, mas uma das possibilidades para a existência desse conflito seria a sua inserção anos mais tarde, e, neste caso, a data passaria despercebida. A inserção tardia da data do martírio poderia ser explicada por uma tentativa do narrador em aproximar o martírio de Policarpo com o que havia sido postulado no Evangelho de João, no qual se lê que a crucificação de Jesus teria ocorrido no “dia do Sabbath”⁵⁶. Portanto, seria interessante que o martírio de Policarpo ocorresse nos mesmos moldes, mesmo que essa data não fosse compatível com os costumes do período.

Essa não é a única inconsistência encontrada no martírio de Policarpo. Candida Moss elucidou que as palavras proferidas pelo procônsul poderiam indicar que os eventos descritos no martírio foram modificados. O relato do martírio sustentava que o bispo de Esmirna poderia ter sido enviado para ser comido por feras. Contudo, estudos⁵⁷ apresentam que essa não era a forma de execução realizada naquele período em Roma, e sim posteriormente. Diz o relato:

“Eu tenho feras, e te entregarei a elas, se não mudares de idéia”, e ele [Policarpo] disse “pode chamá-las”. Para nós, é impossível mudar de idéia, a fim de passar do melhor para o pior; mas é bom mudar, para passar do mal à justiça. O procônsul insistiu: “já que desprezas as feras, eu te farei queimar no fogo, se não mudares de idéias”⁵⁸.

O relato do martírio de Policarpo também afirmou que o bispo de Esmirna fora denunciado e executado no dia seguinte, o que não consiste nos fatos, já que não se levava tão pouco tempo para uma pessoa ser executada pelos moldes de justiça romana daquele período. Foram, ainda, descritos rituais que não existiam até o terceiro século, como guardar os restos mortais de Policarpo para serem transformados em relíquias⁵⁹.

Para Irineu, o martírio representava uma boa nova, e assim como Eusébio, considerava digno aquele que era martirizado em nome de Deus. Não se focou na questão do martírio como o bispo de Cesaréia, no entanto, suas palavras foram certas quanto à sua predileção por aqueles que realizavam tal ato. Isso também se deveu por sua aproximação com Policarpo. Sendo seu seguidor, Irineu também teria a mesma visão. Para o bispo, os mártires eram enviados por Deus para serem testemunhas da doutrina:

⁵⁵ Ibid., p. 375-377.

⁵⁶ João 19,31. *Bíblia Sagrada: versão pastoral*. Sociedade Bíblica Católica Internacional. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

⁵⁷ MOSS, Candida, op. cit. p. 110.

⁵⁸ PADRES APÓSTÓLICOS, *O Martírio de Policarpo de Esmirna*. São Paulo: Editora Paulus. 4ª edição, 2008, p. 151.

⁵⁹ MOSS, Candida, op. cit. p. 100.

No seu amor por Deus, em todo lugar e todo tempo, envia multidões de mártires ao Pai enquanto os outros não podem mostrar junto de si esse fenômeno, dizendo que este testemunho é desnecessário; o verdadeiro testemunho é a sua doutrina, a não ser um ou dois, durante o tempo a seguir àquele em que o Senhor apareceu na terra, como se ele também tivesse alcançado mártires e foi conduzido com eles ao suplício, como uma espécie de suplemento que lhes foi concedido. O opróbio espécie de tormentos, e são mortos pelo amor de Deus e a confissão de seu Filho, só a Igreja o suporta puramente; continuamente mutilada⁶⁰.

Em um apêndice ao Martírio de Policarpo, Irineu é citado como um bom discípulo:

Gaio copiou essas coisas dos escritos de Irineu; ele viveu com Irineu, que foi discípulo de são Policarpo. Esse Irineu, que esteve em Roma na época do martírio do bispo Policarpo, instruiu muita gente. Temos dele numerosos escritos muito belos e ortodoxos. Ele mencionou Policarpo, dizendo que tinha sido discípulo dele⁶¹.

Quanto às referências de Eusébio à obra do *Contra as heresias*, o bispo de Cesareia referenciou a análise das Escrituras Sagradas de Irineu. No *Contra as Heresias*, como já mencionado, há um capítulo somente para análise das Escrituras. No *História Eclesiástica*, no livro V, capítulo 8, Eusébio analisou as proposições apresentadas pelo bispo de Lyon para a escolha das verdadeiras Escrituras, inserindo trechos e citações de Irineu direta e indiretamente. Para Eusébio, as análises feitas pelo bispo de Lyon eram consideradas corretas pois:

Uma vez que, no começo desta [o *História Eclesiástica*], prometemos transcrever oportunamente as palavras dos presbíteros e escritores eclesiásticos, que nos transmitiram por escrito as tradições que receberam sobre as Escrituras canônicas, e Irineu é um deles, conseqüentemente citaremos suas palavras⁶².

Nesse trecho, Eusébio argumentou que faria citações dos escritores eclesiásticos, pois esses possuíam o discernimento correto sobre as Escrituras sagradas. Desse modo, o bispo considerou Irineu de Lyon um dos escritores eclesiásticos dignos de nota.

⁶⁰ IRINEU DE LYON, op cit, IV, 33,9.

⁶¹ PADRES APÓSTÓLICOS, op. cit , p. 156.

⁶² EUSÉBIO DE CESAREIA, op cit, V, 1.

Sendo assim, fica evidente os motivos pelo qual Eusébio citou Irineu em sua obra. A primeira parte de *História Eclesiástica*, o autor baseou-se em bispos que foram mártires ou tiveram alguma relação com os apóstolos, o que tornava essas comunidades, tais como a de Roma, Jerusalém, Antioquia e Alexandria, dignas de fazerem parte da história eclesiástica. Irineu não era um apóstolo, tampouco mártir. Portanto, sua autoridade seria proveniente das relações estabelecidas com Policarpo de Esmirna, sua fama como um bom discípulo, e a recomendação de sua nomeação como bispo de Lyon teria sido feita em carta ao bispo de Roma escrita pelo bispo Fotino, um dos grandes mártires de Lyon. Com a morte dos apóstolos, deveriam existir novas formas de se legitimar uma verdadeira doutrina sem a necessidade de se estabelecer relações diretas com Jesus Cristo. Irineu de Lyon escolheu a sucessão apostólica episcopal e as sagradas Escrituras, visto que estas eram a palavra apostólica em sua essência. Eusébio utilizou-se da autoridade conferida a Irineu como bispo da Gália. Enquanto Irineu se baseava em argumentos teológicos (a sucessão episcopal apostólica, a tradição apostólica e os Quatro Evangelhos), Eusébio conferia historicidade aos pressupostos teológicos como base para sua argumentação de uma verdadeira fé.

Novamente, o bispo de Cesaréia legitimou Irineu como figura de autoridade para que, assim, seus ensinamentos também fossem considerados palavras de autoridade. Primeiramente, o bispo de Lyon foi legitimado pelos mártires, que, de acordo com Eusébio, diretamente o indicaram como sucessor digno de Fotino. Em segundo lugar, considerando-o um escritor eclesiástico. Eusébio fez primeiro uso das análises de Irineu e depois justificou sua autoridade.

Considerações Finais

É possível concluir a importância de Irineu de Lyon como um dos primeiros autores a analisar o cristianismo pelas Escrituras Sagradas e pela tradição apostólica. Ao analisarmos os excertos apresentados, fica evidente o modo como Irineu trabalhou a refutação gnóstica em sua obra, assim como a apresentação de sua visão da verdadeira doutrina. Nesse período, não podemos falar sobre uma doutrina ortodoxa ou herética. Portanto, a importância de Irineu nesse contexto vincula-se à maneira como argumentou a favor de suas práticas cristãs em contraposição a outras práticas, consideradas erradas. Por este motivo, a maior parte de sua obra concentrou-se não na refutação dos gnósticos, mas sim em apresentar a sua doutrina cristã. Para isso, utilizou a tradição apostólica para conferir autoridade episcopal, bem como sua relação com Policarpo e o uso dos Quatro Evangelhos para legitimar sua posição.

Sua obra ainda foi citada no trabalho de Eusébio, *História Eclesiástica*, mais de 50 anos depois da escrita de *Contra as Heresias*, o que nos demonstra a recepção de suas ideias ao longo do período. Para Irineu, a autoridade estava na figura do bispo, que era atestada pela aproximação com os apóstolos e por aqueles bispos que seguiam os ensinamentos dados por eles, por possuírem o discernimento para a correta interpretação da fé propagada pelos apóstolos. Eusébio reafirmou a importância da figura dos apóstolos como base para a ortodoxia, contudo exaltou a figura do mártir, ao considerar os próprios apóstolos os primeiros mártires. Cabe ressaltar a importância dada por ambos os autores ao papel do mártir como digno de propagador da fé cristã. Contudo, mesmo diante das controvérsias envolvendo a apropriação e divulgação dos relatos de

martírio, parece incontestado a importância que Eusébio de Cesaréia conferiu a Irineu no combate ao gnosticismo e à afirmação de uma doutrina correta, bem como ao mártir, que ocupou um lugar de destaque na propagação e reafirmação do cristianismo.